



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUES

**A INTERTEXTUALIDADE ENTRE VIA CRUCIS, DE CLARICE LISPECTOR,  
E O EVANGELHO DE MATEUS.**

VALBIANA ROCHA DA SILVA

**A INTERTEXTUALIDADE ENTRE VIA CRUCIS, DE CLARICE  
LISPECTOR, E O EVANGELHO DE MATEUS.**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em Letras Portugues como  
requisito básico para a conclusão de curso.**

**Orientador(a): Dr. José Mário da Silva Branco**

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG  
Sistema de Bibliotecas - SISTEMOTECA  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFCG - Biblioteca Central

S586i

Silva, Valbiana Rocha da.

A intertextualidade entre via crucis, de Clarice Lispector, e o evangelho de Mateus / Valbiana Rocha da Silva. – 2026.

42 f.

Monografia (licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2026.

“Orientação: Prof. Dr. José Mario da Silva Branco”.

Referências.

1. Literatura e Religião. 2. Clarice Lispector. 3. Intertextualidade.
4. Evangelho de Mateus. I. Branco, José Mario da Silva. II. Título.

UFCG/BC

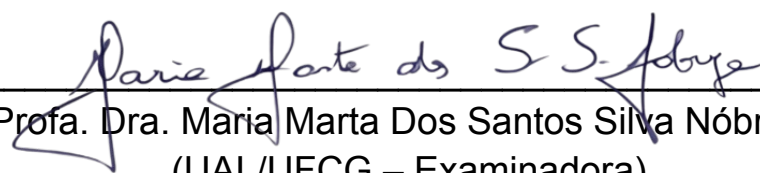
CDU 82:2(04)

BANCA EXAMINADORA:



---

Prof. Dr. José Mário da Silva Branco  
(UAL/UFCG – Orientador)



---

Profa. Dra. Maria Marta Dos Santos Silva Nóbrega  
(UAL/UFCG – Examinadora)

## **Dedicatória**

**Dedico este trabalho ao meu Pai eterno, o qual entregou seu Filho por mim tão pobre pecadora. A Ele, que em sua infinita graça e misericórdia me sustentou ao longo de toda esta caminhada, concedendo-me força, sabedoria e perseverança nos momentos de dificuldade. Que tudo o que foi realizado aqui seja, acima de tudo, para a glória do seu nome.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, autor da vida e fonte de toda graça, que me sustentou ao longo desta caminhada. Foi Ele quem me concedeu força nos momentos de fraqueza, esperança diante das incertezas e sabedoria para perseverar até aqui.

Agradeço, com profunda gratidão, carinho e amor, a Beatriz Emiliano e Maria Clara Silva, irmãs que a vida me presenteou. Em cada etapa dessa jornada estiveram ao meu lado, oferecendo apoio, amizade sincera, cuidado e palavras de encorajamento quando mais precisei. A presença de vocês tornou os caminhos mais leves e me lembrou que nunca caminhei sozinha.

Estendo também minha gratidão à família Emiliano, que me acolheu com tanto amor e generosidade, fazendo-me sentir parte integrante de seu lar. Sou profundamente grata pelo carinho, pela hospitalidade e por cada gesto de cuidado que me fez sentir pertencente.

À minha família, que mesmo diante de tantas adversidades sempre foi minha maior motivação. Tudo o que faço também é por vocês, pois são a razão de muitos dos meus esforços e sonhos.

Aos meus pais, minha eterna gratidão. Foram eles que, com esforço, cuidado e amor, me ajudaram a chegar até aqui, contribuindo para que eu pudesse trilhar esse caminho e alcançar mais essa etapa da minha formação.

Agradeço de modo especial à minha irmã, Vanuza, que esteve presente em diversos momentos importantes, oferecendo ajuda, apoio e incentivo ao longo dessa caminhada.

A Edvan Gomes, deixo meu sincero agradecimento por todo apoio, incentivo e presença constante nas oportunidades e desafios que surgiram durante esse percurso.

Agradeço ao meu pastor Joseilton Messias (Pr. Darquinho), que com suas palavras, conselhos e exemplo me ensinou a olhar a vida “por cima do muro”, ajudando-me a recordar constantemente qual é o verdadeiro sentido da vida.

Agradeço também às professoras do meu ensino básico, Edvana Vieira e Elisa Cristina, que foram essenciais em minha trajetória acadêmica, despertando e intensificando em mim o amor pela Língua Portuguesa e pela docência.

Ao meu professor orientador, José Mário da Silva, agradeço pela orientação cuidadosa, pela paciência, pela dedicação e pelo incentivo durante todo o processo de desenvolvimento deste trabalho.

Ao professor Hélder Pinheiro, minha sincera gratidão por todo apoio, atenção e carinho ao longo dessa jornada acadêmica.

Por fim, agradeço à professora Maria Marta pela disponibilidade em participar e contribuir com este momento tão importante da minha formação acadêmica.

**Resumo:** A presente pesquisa tem como objetivo realizar uma análise comparativa entre o conto *Via Crucis*, de Clarice Lispector, e o relato da Via dolorosa, que foi o percurso realizado por Cristo até o Gólgota para a crucificação, que está descrito no Evangelho de Mateus, buscando identificar aproximações, ressignificações e possíveis deslocamentos simbólicos entre o texto literário e o texto bíblico. O estudo parte da compreensão de que a literatura frequentemente dialoga com as tradições religiosas, se apropriando de elementos simbólicos e narrativos para produzir novas interpretações. Metodologicamente, este trabalho se trata de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo, desenvolvida por meio de análise documental e bibliográfica. Os principais autores que embasam a presente pesquisa são Nunes (1995), Orlandi (2001) e Cortázar (1974). Os procedimentos de investigação consistiram na leitura analítica das obras selecionadas, na identificação de elementos narrativos e simbólicos presentes nos dois textos e na comparação entre as estruturas temáticas e discursivas observadas. A análise permitiu observar que Clarice Lispector estabelece um diálogo intertextual com a tradição cristã, retomando aspectos relacionados ao sofrimento, ao sacrifício e a experiência humana diante do limite existencial. Porém, tais elementos são ressignificados no interior da narrativa literária, assumindo um caráter mais existencial e reflexivo. Desse modo, os resultados indicam que o conto não se limita a reproduzir a narrativa bíblica, mas reelabora literariamente, evidenciando a capacidade da literatura de reinterpretar símbolos bíblicos e ampliar seus significados no contexto da literatura brasileira.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector; intertextualidade; literatura e religião; Evangelho de Mateus.

**Abstract:** This research aims to conduct a comparative analysis between Clarice Lispector's short story "Via Crucis" and the account of the Via Dolorosa, the journey Christ took to Golgotha for his crucifixion, as described in the Gospel of Matthew. The study seeks to identify similarities, reinterpretations, and possible symbolic shifts between the literary and biblical texts. The study is based on the understanding that literature frequently engages with religious traditions, appropriating symbolic and narrative elements to produce new interpretations. Methodologically, this work is a qualitative, descriptive study developed through documentary and bibliographical analysis. The main authors who underpin this research are Nunes (1995), Orlandi (2001), and Cortázar (1974). The investigation procedures consisted of an analytical reading of the selected works, the identification of narrative and symbolic elements present in both texts, and a comparison between the observed thematic and discursive structures. The analysis revealed that Clarice Lispector establishes an intertextual dialogue with the Christian tradition, revisiting aspects related to suffering, sacrifice, and the human experience in the face of existential limits. However, these elements are reinterpreted within the literary narrative, taking on a more existential and reflective character. Thus, the results indicate that the short story does not merely reproduce the biblical narrative, but reworks it literarily, highlighting literature's capacity to reinterpret biblical symbols and expand their meanings within the context of Brazilian literature.

**Keywords:** Clarice Lispector; intertextuality; literature and religion; Gospel of Matthew.

## SUMÁRIO

|                                                                              |    |
|------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>1. Introdução</b>                                                         | 8  |
| <b>2. CAMINHO METODOLÓGICO: Compreendendo a pesquisa</b>                     | 11 |
| 2.1 Tipo de pesquisa                                                         | 12 |
| 2.2 Procedimento da pesquisa                                                 | 13 |
| 2.3 Instrumentos de levantamento de dados                                    | 13 |
| <b>3. Vias teóricas do conto, da exegese bíblica e do discurso religioso</b> | 14 |
| 3.1 Texto exegético-bíblico e sua influência na literatura                   | 16 |
| 3.2 Análise do discurso e discurso religioso                                 | 19 |
| <b>4 O discurso religioso na obra de Clarice Lispector</b>                   | 22 |
| 4.1 A matriz: O evangelho de Mateus                                          | 25 |
| 4.2 A refração: A via crucis de Lispector                                    | 27 |
| 4.3 Paralelo estruturais: A anatomia do caminho.                             | 28 |
| 4.4 A diferença teológica central                                            | 31 |
| 4.5 A ironia da nomeação (Quebra de expectativas)                            | 33 |
| <b>5. Resultados encontrados</b>                                             | 37 |
| <b>Conclusão</b>                                                             | 37 |
| <b>Referências</b>                                                           | 39 |

## 1. Introdução

A intertextualidade da literatura brasileira é marcada pela sua diversidade e riqueza, refletindo a evolução de tradições culturais, históricas e religiosas que se cruzam em narrativas complexas e representativas da vida social e espiritual do país. Nessas tradições, a Bíblia ocupa posição central e é um dos textos mais influentes na formação da cultura ocidental. A sua influência se estende para além da sua função religiosa, fornecendo também referências simbólicas e literárias a inúmeros escritores ao longo dos séculos.

No contexto brasileiro, escritores de diferentes épocas e estilos literários incorporaram elementos bíblicos em suas obras, redefinindo e interpretando temas sagrados para adaptá-los às realidades seculares e modernas.

Com isso, a obra de Clarice Lispector se destaca sendo uma das escritoras mais importantes e singulares da literatura brasileira. Lispector ficou conhecida por seu estilo introspectivo e profundamente místico, características que permearam toda a sua obra literária. Seu trabalho frequentemente explora questões existenciais, metafísicas e espirituais, muitas vezes usando a Bíblia como ponto de partida para reflexões filosóficas sobre a condição humana.

O conto “Via Crucis” é um exemplo, utilizando símbolos e narrativas bíblicas para criar uma experiência literária marcada pelo sofrimento e pela transcendência, abordando sutilmente o encontro humano com o divino. Dessa forma, a pergunta norteadora desta pesquisa é: como Clarice Lispector utiliza elementos e temas bíblicos em *via crucis* para enriquecer a narrativa e desenvolver seus personagens?

A razão da escolha deste tema para análise é a relevância da intertextualidade bíblica nas obras literárias brasileiras, especialmente nas obras de escritores como Clarice Lispector. Como texto sagrado, a Bíblia continua a ter uma influência duradoura e generalizada na cultura ocidental, especialmente na arte e na literatura. No caso de “via crucis” embora não seja uma das histórias mais debatidas entre os críticos literários, proporciona uma valiosa oportunidade para examinar como Lispector reutilizou e reinterpretou elementos bíblicos. Sua capacidade de traduzir essas referências religiosas em obras literárias se reflete em seus escritos íntimos, filosóficos e muitas vezes espirituais. Em sua obra, Lispector emprega temas religiosos profundos para escrever uma narrativa que transcende um contexto

puramente religioso e oferece novas visões da condição humana.

Além disso, este estudo tem como objetivo central realizar uma análise comparativa do conto, buscando compreender como Clarice Lispector reconstrói temas e motivos bíblicos para construir uma narrativa complexa, densa e cheia de sentido. Isso contribui para uma compreensão mais ampla de como a literatura brasileira lida com a religiosidade, sem se limitar a uma visão dogmática ou confessional. Ao contrário, a obra de Lispector propõe um olhar introspectivo e filosófico que se ramifica em diversas direções, sempre em busca de novos significados para velhos símbolos.

A escolha do tema também se justifica pela relevância literária e cultural, especialmente no que diz respeito à intertextualidade bíblica na obra de Clarice Lispector. Este estudo tem como um dos objetivos contribuir para o campo dos estudos literários ao demonstrar como a Bíblia, enquanto fonte simbólica e literária, ainda tem um grande impacto na produção literária brasileira e como aprofunda a compreensão das relações entre literatura e religiosidade, revelando como a obra de Lispector está inserida nesse diálogo constante entre tradição e inovação.

No processo, pretende-se explorar como a autora transforma esses temas tradicionais em diálogo com questões universais de fé, sofrimento e redenção, proporcionando aos leitores novas interpretações do texto bíblico, tanto de uma perspectiva literária quanto existencial. Essa abordagem não só permite a compreensão das técnicas estilísticas da autora, mas também revela as dimensões simbólicas e filosóficas que perpassam a narrativa, ampliando a compreensão da obra e sua recepção no mundo literário brasileiro.

A análise deste conto também traz uma contribuição significativa para o estudo da relação entre literatura brasileira e religião. Ao examinar a persistência dos temas bíblicos nas obras de Lispector, é possível compreender como esses temas foram adaptados e transformados em novas formas de expressão na literatura. A intertextualidade com a Bíblia não é simplesmente uma citação ou referência literária, mas um processo de diálogo e transformação em que o significado da Bíblia é desconstruído e reconstruído de acordo com as intenções e emoções do autor. Dessa forma, “Via Crucis” oferece um olhar aprofundado sobre a obra de Clarice Lispector, revelando como ela reconfigurou a tradição cristã para abordar temas existenciais que transcenderam as fronteiras religiosas e literárias, abordando a questão da humanidade universal.

A relevância desse tipo de análise é que a tradição bíblica é uma das mais ricas e influentes da cultura ocidental, e seu impacto na literatura brasileira tem sido tanto evidente quanto sutil. Em autores como Clarice Lispector, a Bíblia não apenas oferece um vocabulário simbólico, mas também um vasto repertório de temas e estruturas narrativas que são constantemente revisadas para refletir questões atuais. No conto "Via Crucis", essa tradição é revisitada e estilizada de maneira inovadora, resultando em uma narrativa que, ao mesmo tempo em que respeita suas origens bíblicas, oferece novas perspectivas sobre o sofrimento e a transcendência.

Sendo assim, o estudo de "Via Crucis" possibilita uma análise crítica da interação entre a tradição bíblica e a literatura brasileira. Essa análise, ao lançar luz sobre a forma como temas bíblicos são incorporados e transformados na literatura de Clarice Lispector, tem o potencial de oferecer percepções valiosas sobre o papel da religiosidade na produção literária brasileira. Ao mesmo tempo, pretende ampliar a compreensão de como temas universais como o sofrimento, a fé e a redenção continuam a ser explorados e reinterpretados, fornecendo uma ponte entre a tradição e a modernidade. "Via Crucis", ao estilizar a narrativa da Paixão de Cristo, revela-se um conto que não apenas reflete a tradição cristã, mas também a questiona e a amplia, fazendo com que o leitor se depare com questões profundas sobre o ser humano, sua espiritualidade e seu lugar no mundo.

Em suma, a escolha do tema justifica-se pela relevância literária e cultural, especialmente no que diz respeito à intertextualidade bíblica na obra de Clarice Lispector. Este estudo tem como objetivo contribuir para o campo dos estudos literários ao demonstrar como a Bíblia, enquanto fonte simbólica e literária, ainda tem um grande impacto na produção literária brasileira e também aprofunda a compreensão das relações entre literatura e religiosidade, revelando como a obra de Lispector está inserida nesse diálogo constante entre tradição e inovação.

Deste modo, a fundamentação teórica deste trabalho está organizada em nove seções, que apresentam os principais conceitos e referenciais necessários para a análise proposta. Inicialmente, em 2.1, discute-se o conto como gênero literário, abordando suas características estruturais, sua brevidade narrativa e seus elementos constitutivos. Em seguida, na seção 2.2, apresenta-se a relação entre o texto exegético-bíblico e sua influência na literatura, evidenciando como narrativas bíblicas têm sido reinterpretadas e ressignificadas no campo literário.

Na seção 2.3, são apresentados os pressupostos da análise do discurso, com atenção especial ao discurso religioso, considerando suas formas de construção e seus efeitos de sentido. A seção 2.4 aprofunda essa discussão ao examinar o discurso religioso na obra de Clarice Lispector, destacando aspectos temáticos e simbólicos presentes em sua escrita.

A partir desse ponto, a fundamentação direciona-se para o eixo comparativo da pesquisa. Na seção 2.5, analisa-se a Via Crucis no Evangelho de Mateus, enfatizando o sofrimento redentor e seu caráter de cumprimento profético. Em seguida, na seção 2.6, discute-se a Via Crucis presente na obra de Clarice Lispector, destacando o sofrimento corporal e a possível ironização do sagrado.

As seções finais aprofundam a comparação entre os textos analisados. Na 2.7, são apresentados paralelos estruturais entre as narrativas; na 2.8, discute-se a diferença teológica central entre as duas abordagens; e, por fim, na 2.9, analisa-se a ironia presente no título e nos nomes dos personagens, evidenciando os efeitos interpretativos produzidos pela autora.

## **2. CAMINHO METODOLÓGICO: Compreendendo a pesquisa**

A presente pesquisa caracteriza-se por uma pesquisa bibliográfica qualitativa, pois segundo Gil (2008) busca compreender e interpretar o fenômeno estudado a partir da análise de conceitos, ideias e discussões presentes na literatura. Deste modo, a pesquisa qualitativa preocupa-se em compreender os fenômenos sociais a partir de seus significados e contextos, não tendo como foco central a quantificação de dados.

Quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de materiais já publicados, como livros, artigos científicos, dissertações e teses, que possibilitam a construção do referencial teórico da investigação. A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado, permitindo ao pesquisador conhecer e analisar as diferentes contribuições teóricas sobre determinado tema, oferecendo suporte para a fundamentação e discussão dos resultados da pesquisa Gil (2008).

Deste modo, a pesquisa supracitada tem como objetivo realizar uma análise comparativa entre o conto *Via Crucis*, de Clarice Lispector, e o relato do percurso realizado por Cristo até o Gólgota para a crucificação, que está descrito no Evangelho de Mateus. Com isso, buscando identificar aproximações, ressignificações e possíveis deslocamentos simbólicos entre o texto literário e o texto bíblico. Nessa perspectiva, a investigação procura compreender como a narrativa literária dialoga com os elementos da tradição cristã, reinterpretando o contexto da literatura brasileira.

A pesquisa científica, falando de um modo geral, pode ser compreendida como uma atividade sistemática orientada pelo método científico, ao qual a finalidade é produzir conhecimento por meio da investigação de problemas e de análise crítica de fenômenos (Cervo; Bervian, 1996). Nesse contexto, o desenvolvimento de um estudo exige planejamento metodológico que organize as etapas de coleta, análise e interpretação dos dados.

A presente metodologia portanto, corresponde ao conjunto de procedimentos, técnicas e estratégias que orientam a realização da pesquisa, definindo os caminhos adotados para a investigação do objeto de estudo. conforme Minayo et al. (1999), a metodologia envolve a definição das formas de coleta, organização e

análise dos dados, se constitui como elemento fundamental para a construção do conhecimento científico.

Desse modo, o caminho metodológico desta pesquisa se fundamenta na análise comparativa de textos, considerando aspectos narrativos, simbólicos e temáticos que possibilitam compreender as relações intertextuais entre a literatura e a tradição religiosa.

## **2.1 Tipo de pesquisa**

Quanto à abordagem, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, uma vez que busca compreender os significados presentes nos textos analisados, priorizando a interpretação dos elementos simbólicos e narrativos presentes na obra.

O método qualitativo tem como principal característica a busca pela compreensão aprofundada de fenômenos a partir da interpretação de seus significados, não se baseando na quantificação de dados, mas na análise interpretativa das informações obtidas. Nesse tipo de pesquisa, os resultados costumam ser apresentados por meio de descrições, interpretações e análises discursivas.

Além disso, a investigação possui caráter descritivo, pois procura identificar, descrever e interpretar elementos presentes nos textos analisados, especialmente no que se refere às relações simbólicas e temáticas entre o conto de Lispector e a narrativa bíblica da via dolorosa. A escolha dessa abordagem metodológica, se justifica pelo fato de que o objeto de estudo envolve a interpretação de textos literários e religiosos, os quais exigem uma análise aprofundada de seus significados, contextos e estruturas narrativas.

## **2.2 Procedimento da pesquisa**

No que se refere aos procedimentos técnicos, esta pesquisa se caracteriza como documental e bibliográfica. A pesquisa documental consiste na investigação realizada a partir de documentos que ainda não receberam tratamento analítico sistemático, podendo incluir registros escritos, textos literários, documentos históricos ou materiais religiosos que sirvam como fonte de informação para o pesquisador.

Nesse sentido, os documentos principais analisados nesta investigação são o

conto via Crucis, de Clarice Lispector e o texto bíblico do Evangelho de Mateus, especialmente os capítulos que descrevem a narrativa da paixão de Cristo. Paralelamente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, fundamentada na consulta de livros, artigos acadêmicos e estudos críticos relacionados a literatura brasileira, a intertextualidade e a relação entre literatura e religião. A pesquisa bibliográfica é considerada etapa essencial de qualquer investigação científica, pois possibilita o contato com estudos já realizados sobre o tema, contribuindo para o aprofundamento teórico da pesquisa.

### **2. 3 Instrumentos de levantamento de dados**

Os instrumentos de levantamento de dados utilizados nesta pesquisa se baseiam na análise documental e textual das obras selecionadas. A análise documental consiste na investigação sistemática de documentos que possam fornecer informações relevantes para a pesquisa científica, permitindo a interpretação de conteúdos presentes em registros escritos.

No desenvolvimento deste estudo, os dados foram coletados por meio das seguintes etapas:

1. Leitura analítica do cnto Via Crucis, de Clarice Lispector;
2. Leitura dos capítulos do Evangelho de Mateus que narram a via dolorosa;
3. Identificação de elementos narrativos, simbólicos e temáticos presentes em ambos os textos;
4. Comparação entre as estruturas narrativas e simbólicas observadas;
5. Interpretação crítica das relações estabelecidas entre a obra literária e o texto bíblico.

A análise dos dados foi realizada por meio de uma abordagem interpretativa, considerando o contexto literário da obra de Lispector e o contexto religioso da narrativa bíblica.

### **3. Vias teóricas do conto, da exegese bíblica e do discurso religioso**

O conto é um dos gêneros literários mais tradicionais e relevantes dentro da literatura mundial, caracterizando-se por sua estrutura breve, enredo concentrado e de grande valor simbólico. O conto apresenta uma narrativa que se desenvolve de maneira rápida e objetiva, muitas vezes se centrando em um único conflito, explorado de forma intensa. Esse gênero literário, ao longo dos séculos, tem se mostrado um campo frutífero para a experimentação estilística e temática, sendo utilizado por diversos escritores para a exploração de questões filosóficas, psicológicas e religiosas.

Compreender o conto como gênero demanda a articulação entre perspectivas formais como estrutura, extensão, construção narrativa, além de perspectivas estéticas como efeito e tensão. A partir do século XIX, o gênero passou a ser visto de uma forma mais sistemática e teórica. Para entender o conto como um gênero, é importante considerar tanto seus aspectos formais e estéticos quanto seu contexto histórico. Sua estrutura é resultado de escolhas feitas ao longo do tempo, além de estar ligada às transformações culturais literárias. Nesse processo, autores como Edgar Allan Poe (2011), Julio Cortázar (1974) e Ricardo Piglia (2004) trouxeram contribuições essenciais para definir as características específicas do gênero.

O encontro da consolidação do conto moderno e Poe (2011), tem um marco decisivo. Ao elaborar o princípio da unidade de efeito, ele sustenta que a narrativa breve deve ser construída com vistas a produção de uma impressão única e intensa no leitor, devendo ser lida de uma só vez com o intuito de preservar a totalidade da experiência estética pois:

[...] se alguma composição literária é longa demais para ser lida de uma só vez, temos que concordar em abrir mão do efeito imensamente importante que deriva da unidade de impressão — pois, se forem necessários dois momentos de leitura, os assuntos do mundo interferem e qualquer intenção de totalidade é destruída na mesma hora (Poe, 2011. p.20)

Portanto, a brevidade não se reduz a um critério quantitativo, mas constitui elemento estrutural que é determinante, já que cada palavra, cada imagem e cada recurso narrativo devem aderir para a produção do efeito final. Essa concepção diferencia o conto de um romance, pois enquanto o conto exige maior concentração,

precisão e unidade narrativa, o romance admite digressões, multiplicidade de personagens e expansão temporal.

O autor Julio Cortázar (1974) aprofunda essa reflexão ao afirmar que o romance vence “por pontos”, enquanto o conto vence “por nocaute” (Cortázar, 1974). A metáfora evidencia o caráter concentrado da narrativa breve, o qual a força mora na intensidade e não na extensão. Para o autor, o conto opera por meio de um recorte significativo da realidade, selecionando um instante ou situação limite que é intensificado até adquirir densidade simbólica, com isso a tensão narrativa decorre da organização interna do texto e não necessariamente da sucessão de acontecimentos extraordinários. Se refere de uma forma literária que substitui a abrangência pela profundidade e faz da condensação seu princípio estruturador. Para o autor, essa intensidade “consiste na eliminação de todas as ideias ou situações intermédias, de todos os recheios ou fases de transição que o romance permite e mesmo exige” (Cortázar, 1974, p. 157)".

Ricardo Piglia (2004) contribui significativamente para essa discussão ao propor que todo conto narre duas histórias: uma visível e outra secreta. A tensão entre ambas constitui o elemento que estrutura o gênero. No conto clássico, a história oculta tende a se revelar no fim, mas na modernidade essa dinâmica se altera. Segundo o autor:

A versão moderna do conto [...] abandona o final surpreendente e a estrutura fechada; trabalha a tensão entre as duas histórias sem nunca resolvê-la. A história secreta é contada de um modo cada vez mais elusivo. O conto clássico à Poe contava uma história anunciando que havia outra; o conto moderno conta duas histórias como se fossem uma só (Piglia, 2004, p. 91)

Essa duplicidade demonstra que a brevidade do conto não implica simplicidade estrutural. Ao contrário, a forma breve pode comportar elevada densidade semântica e sofisticada elaboração narrativa.

No contexto brasileiro, o conto assume papel central na consolidação da tradição literária, por exemplo, autores como Machado de Assis, se destacaram como um dos grandes mestres do gênero ao articular concisão formal, ironia e análise psicológica, o qual evidencia o poder da crítica em narrativas breves. Posteriormente, no século XX, autores como Guimarães Rosa, Dalton Trevisan e Clarice Lispector se destacaram na produção contística, cada qual firmando características próprias a suas narrativas.

Lispector, em particular, se sobressai pelo viés introspectivo e filosófico de sua literatura, explorando aspectos existenciais e espirituais que aproximam suas obras de um universo simbólico mais amplo.

Benedito Nunes (1989) observa que a escrita de Clarice instaura um “drama da consciência”, no qual a linguagem se torna espaço de investigação existencial. Uma das teorias centrais de Nunes é que, em Clarice, a narrativa não se organiza prioritariamente pela ação externa, mas pelo movimento interior da consciência. Ele afirma: “A ação, na ficção de Clarice Lispector, é substituída pela experiência interior. O enredo cede lugar ao drama da consciência.” (Nunes, 1989, p. 14).

Nos contos de Clarice, segundo a leitura de Nunes (1989), o clímax muitas vezes não é um acontecimento externo, mas uma epifania, um momento de revelação interior que altera a percepção da personagem sobre si mesma e sobre o mundo. O crítico observa que a personagem clariceana se encontra constantemente ‘a beira de uma revelação, a um passo de uma ação decisiva...’ (Nunes, 1989).

A narrativa curta se torna um espaço privilegiado para a manifestação desse drama interior, pois a sua brevidade intensifica a experiência subjetiva. No conto “Via Crucis”, esses elementos se manifestam através da intertextualidade com a narrativa bíblica, criando um diálogo entre literatura e religiosidade que transcende a simples referência textual. A experiência da gravidez, descrita no conto, assume uma dimensão simbólica e quase mística. O corpo se torna um espaço de estranhamento e a personagem não apenas vive uma gestação, ela vive uma experiência de descentramento do eu.

### **3.1 Texto exegético-bíblico e sua influência na literatura**

A exegese bíblica é o estudo interpretativo dos textos sagrados, buscando compreender seus significados originais e suas implicações dentro dos contextos histórico e teológico. A exegese permite uma leitura aprofundada da Bíblia, destacando não apenas o conteúdo literal dos textos, mas também suas interpretações simbólicas e alegóricas, “a exegese é, pois, o trabalho de explicação e interpretação de um ou mais textos bíblicos” (Wegner, 2009 apud Brizotti, p.14). Esse tipo de análise tem sido amplamente utilizado por teólogos e críticos literários para examinar a influência da tradição bíblica em diversas manifestações artísticas e culturais.

Na literatura, a intertextualidade bíblica se manifesta de diversas formas, desde alusões diretas a passagens e personagens bíblicos até a ressignificação de temas e conceitos fundamentais do cristianismo. Para Koch e Elias (2006, p. 86),

a intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos. (Koch e Elias 2006, p. 86)

Levando isso em consideração, a Bíblia é uma das fontes mais ricas de referências simbólicas na literatura ocidental, servindo como base para a construção de narrativas que exploram a espiritualidade, o sofrimento humano e a busca pela redenção .

Do ponto de vista narrativo, a Bíblia, especialmente em sua leitura reformada<sup>11</sup>, oferece modelos estruturais que influenciam a literatura. Para Northrop Frye (2001), em sua obra *O código dos códigos* (2001), reconhece que a Bíblia fornece a estrutura mitopoética fundamental da literatura. Expandindo essa visão, José Carlos Carvalho (2005) argumenta que a singularidade do texto sagrado reside em sua totalidade, defendendo:

A Bíblia não é, por isso, mais uma peça de literatura como outra qualquer, passível de ser dissecada em sinopse com outras peças de literatura. Como peça literária que é exige um corpo a corpo consigo mesma na respectiva totalidade, pois é um corpo com unidade, é um código com sentido próprio, como qualquer outro código (Carvalho, 2005)

Assim o texto bíblico deixa de ser apenas uma antologia para se tornar uma matriz narrativa que impõe ao leitor uma decifração de seu sentido global. Em perspectiva reformada, essa estrutura é compreendida como expressão de um enredo redentivo que organiza a história humana.

Além disso, a tradição reformada contribui decisivamente para a valorização da leitura individual. A tradução da Bíblia para as línguas vernáculas por Lutero e outros reformadores fortaleceu o letramento e ampliou o acesso ao texto escrito. Historicamente, alguns estudos demonstram que regiões influenciadas pela reforma apresentaram um crescimento significativo nas taxas de alfabetização entre os séculos XVI e XVII. Segundo Peter Burke (1989, p. 247, apud Souza, p. 18), "os

---

<sup>1</sup> A tradição reformada é uma corrente do protestantismo surgida no século XVI durante a Reforma. Ela foi influenciada principalmente por João Calvino e enfatiza a autoridade da Bíblia e a soberania de Deus. Defende a salvação pela graça e não pelas obras. Essa tradição deu origem a igrejas como as presbiterianas e reformadas.

escandinavos, holandeses e britânicos, todos protestantes da Europa Ocidental, tinham os índices mais altos de alfabetização..." e como resultado, "as publicações dessas bíblias nas várias línguas foram um grande acontecimento cultural e influenciaram largamente a linguagem e a literatura dos respectivos países" (Burke 198). Esse fenômeno impacta diretamente o desenvolvimento da literatura moderna, pois consolida uma cultura centrada na leitura, na interioridade e na interpretação pessoal.

Em termos estéticos, a influência reformada pode ser observada na valorização da simplicidade formal e na rejeição do excesso ornamental, postura que dialoga com tradições literárias marcadas pela seriedade e pela centralidade do conteúdo ético. Essa característica encontra respaldo na própria hermenêutica da Reforma, especialmente em João Calvino, que defendia o princípio do *sensus literalis* e uma leitura sóbria das Escrituras, evitando alegorização excessivas Calvino, (2006).

A literatura produzida em contextos bíblicos frequentemente evidencia tensão entre pecado, culpa, graça e redenção, categorias teológicas que estruturam conflitos narrativos e psicológicos. Max Weber argumenta que o protestantismo reformado intensificou a consciência individual diante de Deus e a percepção da responsabilidade moral pessoal Weber (2004), elemento que repercute na constituição de personagens marcados por introspecção ética e conflito interior. Sob uma perspectiva crítica, o texto exegético-bíblico influencia a literatura não apenas por meio de temas e símbolos, mas por meio de uma estrutura hermenêutica que privilegia o sentido histórico, a centralidade da consciência individual e a compreensão da história como drama redentivo.

O problema é que temos uma exigência nem sempre atendida, redundando em oposições estranhas à própria Bíblia. Por um lado, os teólogos querem explorar conteúdo. Do outro, os críticos literários não se preocupam com os temas e conteúdos e muito rapidamente encapsulam o texto em formas e estruturas narrativas, reprimindo os temas que não seriam importantes para o debate teórico, com destaque para o tema da religião, ainda ausente em muitas críticas literárias (Magalhães, 2015, p. 135).

A observação de Magalhães (2015) evidencia a necessidade de uma abordagem que supere tal dicotomia reconhecendo que no âmbito da tradição reformada, o conteúdo, a estrutura hermenêutica e a forma constituem dimensões que são inseparáveis da construção literária. A literatura, nesse contexto, se torna

espaço de expressão das tensões entre queda e redenção, finitude e transcendência, pecado e graça, refletindo uma cosmovisão moldada pela interpretação reformada das escrituras.

### **3.2 Análise do discurso e discurso religioso**

A análise do discurso é uma abordagem teórica que investiga as estruturas e funções do discurso em diferentes contextos, considerando fatores linguísticos, sociais e ideológicos. Segundo Orlandi (2001), o discurso é um espaço de produção de sentidos, no qual diferentes vozes interagem e se confrontam. No caso do discurso religioso, essa interação ocorre frequentemente entre o sagrado e o profano, resultando em uma tensão discursiva que pode gerar novas interpretações e ressignificações.

A relação entre análise do discurso e discurso religioso abordado por Foucault (1996) e Orlandi (2001), constitui um campo fecundo de investigação, uma vez que o discurso não se limita a simples transmissão de conteúdos, mas produz efeitos de verdade e constitui sujeitos organizando formas de subjetivação, autoridade e produção de sentido. Já a análise do discurso, enquanto vertente teórico-metodológica, se preocupa em compreender como os sentidos são produzidos historicamente nas práticas linguísticas e como os sujeitos se constituem- nas e pelas formações discursivas Orlandi (2001):

[...]não se trata apenas de transmissão de informação, não há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação... temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. (Orlandi, 2001 p.21)

Nesse sentido, o discurso religioso pode ser examinado não apenas como expressão de fé, mas como prática social atravessada por ideologia, memória e poder.

A análise do discurso desenvolvida por Michel Pêcheux estabelece que o sentido não é fixo nem transparente, mas resultado das condições históricas de produção. Para Pêcheux, “o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores” (Pêcheux, 1997), o que implica reconhecer que todo enunciado está inscrito em uma formação ideológica. Aplicada ao discurso religioso, essa perspectiva permite compreender que as formulações teológicas, os sermões, as interpretações bíblicas

e as práticas litúrgicas não são neutras, mas produzem efeitos de verdade vinculados a posições ideológicas específicas.

No Brasil, Eni Orlandi amplia essa discussão ao afirmar que o discurso é lugar de constituição de sujeitos e de sentidos, onde o discurso religioso participa ativamente da constituição identitária dos fiéis, pois ela interpela o indivíduo como sujeito de fé, pecador, redimido ou membro de uma comunidade específica. A interpretação discursiva produz um sujeito que se reconhece dentro de determinada tradição interpretativa, deste modo, a linguagem religiosa não apenas comunica crenças, mas organiza modos de ser e de agir no mundo Orlandi (2001):

[...] o padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na 'comunicação'. (Orlandi 2001 p.39)

Além disso, o discurso religioso se caracteriza por uma forte dimensão de autoridade, conforme observa Foucault (1996), que o discurso está submetido a procedimentos de controle e validação que determinam quem pode falar e com que autoridade.

A presença de textos considerados sagrados, como o Evangelho de Mateus que é a base desse estudo, confere ao enunciado religioso um estatuto diferenciado. A citação bíblica, por exemplo, funciona como estratégia de legitimação, o que produz um efeito de verdade sustentado pela crença na inspiração divina do texto. Sob a ótica da análise do discurso, esse mecanismo pode ser compreendido como recurso de constituição de autoridade enunciativa, onde o locutor se apoia em uma instância superior para validar sua fala.

Outro aspecto relevante é a dimensão performativa do discurso religioso. Ao proclamar absolvição, benção ou juízo, o discurso não apenas descreve uma realidade, mas realiza um ato simbólico. Tal característica se aproxima da noção de atos de fala, desenvolvida por John Austin (1990):

[...] seriam expressões usadas não para descrever ou relatar algo, mas para fazer algo, para realizar um ato. Por isso ele as chama de expressões performativas, aquelas que, ao serem usadas em determinadas sentenças, constituem 'proferimentos performativos' (Austin, 1990)

No âmbito religioso, essa performatividade assume contornos específicos, pois se ancora na crença de que a palavra participa da ação divina, ou seja, a linguagem se torna mediadora entre o humano e o transcendente.

Com isso, é importante destacar também que o discurso religioso opera com forte intertextualidade e memória discursiva. Segundo Orlandi (2001 p.62), todo dizer se relaciona com dizeres anteriores. No caso religioso, essa memória é particularmente intensa, pois a tradição interpreta e reescreve continuamente os textos fundadores. Segundo Pêcheux

[...] a memória discursiva não é uma memória psicológica, mas o conjunto do já-dito que torna possível todo dizer. O discurso é atravessado por outros discursos, por formulações anteriores que o sustentam, o limitam e o orientam. Não há enunciação que não se inscreva nessa rede de dizeres anteriores que constituem o campo do interdiscurso. (Pêcheux, 1997, p. 52).

Cada nova pregação ou comentário bíblico dialoga com séculos de exegese e prática comunitária, configurando um campo discursivo densamente marcado pela repetição e pela atualização.

Portanto, a análise do discurso possibilita compreender as transformações do discurso religioso. Em contextos de secularização, se observa tanto uma manutenção de estruturas discursivas tradicionais quanto sua ressignificação em novos ambientes sociais e midiáticos. Conforme argumenta Berger (2017), a modernidade não elimina o religioso, mas o desloca para novas formas de presença pública e pluralização. Esse deslocamento implica transformações nas condições de produção do discurso, conceito que, na Análise do Discurso, designa o conjunto de determinações históricas e ideológicas que tornam possível um enunciado (Orlandi, 2001). A circulação do discurso religioso em meios digitais, por exemplo, modifica as condições de produção e amplia o alcance dos enunciados, sem eliminar sua função de constituição identitária e de produção de sentido.

Dessa forma, a articulação entre análise do discurso e discurso religioso evidencia que a linguagem da fé é atravessada por processos históricos, ideológicos e institucionais. O discurso religioso não é apenas um veículo de uma mensagem transcendente, mas sim uma prática social que organiza sentidos, constrói sujeitos e estabelece regimes de verdade, visto isso, a análise do discurso, ao investigar essas dimensões, contribui para uma compreensão crítica e aprofundada das formas pelas quais o sagrado se manifesta e se transforma na linguagem.

No conto "Via Crucis", de Clarice Lispector, essa dinâmica se manifesta na maneira como a narrativa dialoga com a tradição bíblica. A intertextualidade com o Evangelho de Mateus e a estilização da Via Crucis evidenciam um discurso que não apenas reproduz os elementos religiosos, mas também os transforma, conferindo uma dimensão introspectiva e filosófica. Como observa Fernandes (2019), a literatura de Lispector frequentemente utiliza referências religiosas para explorar dilemas existenciais, se afastando de uma abordagem objetiva e abrindo espaço para novas leituras e interpretações.

#### **4 O discurso religioso na obra de Clarice Lispector**

O discurso religioso na literatura não se restringe a textos que são sobretudo estritamente teológicos, mas pode ser identificado em diversas formas de expressão literária. Segundo Borges (2020), a presença do discurso religioso na literatura se manifesta tanto na temática abordada quanto na linguagem utilizada pelos autores, que podem empregar elementos simbólicos e metafóricos para construir narrativas complexas e multifacetadas.

Em "Via Crucis", Lispector recria a narrativa tanto da gravidez milagrosa de Cristo Jesus, quanto a Paixão de Cristo de maneira singular, fazendo com que o conteúdo religioso se transforme em uma reflexão sobre a condição humana. A cruz, o sofrimento e a busca pela transcendência aparecem como temas centrais, mas não são tratados de forma tradicionalmente cristã. Em vez disso, a Lispector utiliza esses elementos para questionar a existência, a dor e o sentido da vida, colocando a sua narrativa dentro de um contexto mais amplo de reflexão filosófica e literária.

A comparação entre o conto "Via crucis", de Clarice Lispector, e o evangelho de segundo Mateus permite observar um processo de ressignificação literária de um dos símbolos centrais da tradição cristã que é o caminho da cruz. Em Mateus 1 e 2, o nascimento de Jesus é apresentado como cumprimento profético e manifestação da intervenção divina na história. A genealogia que abre o evangelho insere Cristo na linhagem davídica, como forma de afirmar a promessa messiânica, enquanto o anúncio a José enfatiza que o menino "salvará o seu povo dos seus pecados" (Mt 1,21). No que se refere a paixão de Cristo, no Evangelho de Mateus, os capítulos 26 e 27, a via crucis corresponde ao percurso de Cristo desde sua prisão até a crucificação, configurando o momento culminante da história da redenção.

O sofrimento de Jesus não é apresentado como um evento acidental ou meramente trágico, mas como cumprimento das Escrituras e manifestação da soberania divina. O evangelista enfatiza que os acontecimentos se dão "para que se cumprissem as Escrituras" (Mt 1:22), estabelecendo uma leitura teológica do nascimento à paixão. Sob uma perspectiva reformada, essa narrativa é compreendida como expressão da expiação substitutiva que se refere a Cristo sofrendo vicariamente em favor da humanidade, assumindo sobre si a penalidade

do pecado e realizando, por meio de sua obediência, a reconciliação entre Deus e os homens.

No conto de Clarice Lispector, entretanto, o termo Via Crucis é deslocado de seu contexto teológico-histórico para o âmbito da experiência individual e corporal. A narrativa não trata de um sofrimento redentor universal, mas de um percurso íntimo e feminino marcado pela gravidez inesperada e pelo conflito interior da personagem. O corpo, que em Mateus é entregue voluntariamente ao sofrimento como instrumento da redenção, em Lispector se torna espaço de estranhamento e ambiguidade. A gestação assume contornos simbólicos que evocam dor, transformação e exposição, mas não se vinculam a um horizonte salvífico objetivo

Maria das Dores engordara brutalmente e tinha desejos estranhos. Como o de comer uvas geladas. [...] Um dia Maria das Dores empanzurrou-se demais — vomitou muito e chorou. E pensou: começou a via crucis de meu sagrado filho." (Lispector 1974 p.42)

A via crucis clariceana não conduz a redenção coletiva nem ao cumprimento de uma promessa divina claramente afirmada, mas à condução da crise existencial, na qual religiosidade, culpa e corporeidade se entrelaçam.

Essa diferença revela um ponto decisivo para a análise comparativa. Em Mateus, o sofrimento possui sentido teológico definido e integra um plano histórico redentivo coerente. A cruz é o evento central da revelação e fundamento da esperança escatológica. Em Clarice, o sofrimento é interiorizado e problematizado, ele não se ancora necessariamente em uma estrutura transcendental segura, mas emerge como experiência subjetiva que desafia a estabilidade da identidade da personagem Nunes (1995):

[...] a experiência narrada por Clarice Lispector é sempre uma experiência-limite, em que o sujeito se defronta com a dissolução de suas certezas e com a precariedade de sua identidade. Não se trata de um drama exterior, mas de um abalo interior que compromete a estabilidade do eu e o coloca diante do indizível." (Nunes, 1995, p. 58).

Enquanto o texto bíblico organiza a narrativa a partir da soberania divina e do cumprimento profético, o conto articula o drama a partir da interioridade moderna, em que o sentido não é dado de antemão, mas experimentado de forma fragmentária.

Ainda assim é possível identificar um ponto de convergência estrutural entre os dois textos, ambos colocam o corpo no centro da revelação do conflito. Em Mateus, o corpo de Cristo é lugar de humilhação, dor e, paradoxalmente, glorificação.

<sup>27</sup> Logo a seguir, os soldados do governador, levando Jesus para o pretório, reuniram em torno dele toda a coorte. <sup>28</sup> Despojando-o das vestes, cobriram-no com um manto escarlate;<sup>29</sup> tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e, na mão direita, um caniço; e, ajoelhando-se diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, rei dos judeus! <sup>30</sup> E, cuspido nele, tomaram o caniço e davam-lhe com ele na cabeça.<sup>31</sup> Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto e o vestiram com as suas próprias vestes. Em seguida, o levaram. Bíblia sagrada (Mateus 27:27-31).

Em Lispector, o corpo feminino é lugar de tensão, descoberta e crise.

.— Não pode ser! gritou Maria das Dores. — Por quê? a senhora não é casada? — Sou, mas sou virgem, meu marido nunca me tocou. Primeiro porque ele é homem paciente, segundo porque já é meio impotente.(Lispector, p.Ano).

Em ambos os casos, o corpo deixa de ser mero elemento biológico para se tornar espaço simbólico onde se manifesta uma experiência-limite. No evangelho, o sofrimento possui finalidade redentora objetiva, no conto, ele se apresenta como percurso existencial que não oferece garantias e transcendência.

Sob uma leitura reformada, essa comparação evidencia também a transformação cultural do imaginário cristão na literatura. O símbolo da cruz, que no texto de Mateus é o centro da salvação, é apropriado por Lispector como metáfora de uma experiência humana particular. Segundo Ricoeur:

o símbolo dá que pensar. Ele possui uma espessura de sentido que ultrapassa sua primeira significação e se abre a novas interpretações no interior da cultura. Um símbolo não se esgota na tradição que o gerou; ele pode ser retomado, deslocado e reinscrito em novos contextos, onde continua a produzir sentido. (Ricoeur, 1977, p. 15).

A literatura, nesse caso, não nega necessariamente o símbolo, mas o reinscreve em outro campo semântico, o deslocando da história da redenção para o drama da subjetividade. Assim, o que em mateus é narrativa histórica com pretensão universal, em “Via Crucis” se torna narrativa íntima, marcada pela ambiguidade e pela tensão entre fé e corporeidade.

Desse modo, a análise comparativa demonstra que Clarice Lispector opera uma ressignificação literária do símbolo cristão da cruz, convertendo-o em metáfora da experiência feminina e existencial, enquanto o evangelho segundo Mateus o apresenta como evento histórico-redentivo central para a fé cristã. A distância entre ambos os textos não elimina o diálogo simbólico, muito ao contrário, revela como a tradição bíblica continua a oferecer estruturas narrativas e imagéticas que a literatura reelabora, tensiona e reinterpreta.

#### 4.1 A matriz: O evangelho de Mateus

No evangelho, a chamada Via Crucis é apresentada nos livros de Mateus, Marcos, Lucas e João, o que corresponde ao percurso de Jesus desde a sua prisão no Getsêmani até a crucificação no Gólgota, narrado em alguns capítulos diferentes em cada livro, como no em João, onde se inicia no capítulo 18 e segue até o 19:

[...] <sup>2</sup> E Judas, o traidor, também conhecia aquele lugar, porque Jesus ali estivera muitas vezes com seus discípulos. <sup>3</sup> Tendo, pois, Judas recebido a escolta e, dos principais sacerdotes e dos fariseus, alguns guardas, chegou a este lugar com lanternas, tochas e armas. Bíblia Sagrada (João 18:2,3)

Diferentemente de uma tradição devocional posterior que organiza o caminho da cruz em estações meditativas, o texto mateano apresenta a paixão como ápice de uma história conduzida pela soberania divina e orientada pelo cumprimento profético. O sofrimento de Cristo não é descrito como derrota inesperada, mas como realização da Escrituras e manifestação do plano redentivo de Deus (Mateus 26:56).

[...] <sup>53</sup> neste momento mais de doze legiões de anjos?<sup>54</sup> Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder? <sup>55</sup> Naquele momento, disse Jesus às multidões: Saístes com espadas e porretes para prender-me, como a um salteador? Todos os dias, no templo, eu me assentava [convosco] ensinando, e não me prendestes. <sup>56</sup> Tudo isto, porém, aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas. (Mateus 26:54-56)

Ao longo da narrativa, Mateus insiste na fórmula do cumprimento: “para que se cumprisse as Escrituras”. A traição de Judas, a dispersão dos discípulos, o silêncio de Jesus diante das acusações e até mesmo a repartição de suas vestes (Mateus 27:35) são apresentados como acontecimentos inseridos numa economia providencial. Ele estabelece que a paixão de Cristo está em continuidade com a revelação veterotestamentária, especialmente com as figuras do Servo sofredor e do justo perseguido. Assim, o sofrimento não é acidental, mas necessário dentro do desígnio divino.

A via crucis em Mateus expressa a obediência ativa e passiva de Cristo. Ativa porque Jesus cumpre perfeitamente a vontade do pai e passiva porque se submete voluntariamente ao sofrimento e à morte. A cruz é compreendida como ato substitutivo, ou seja, Cristo sofre em lugar dos pecadores, assumindo a penalidade que caberia a eles. O próprio evangelho já antecipa esse sentido ao afirmar que o Filho do homem veio “dar a sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20:28). Desse

modo, o caminho da cruz é simultaneamente caminho de humilhação e de exaltação, pois é por meio da entrega que se inaugura a reconciliação entre Deus e a humanidade.

Além disso, a narrativa materna destaca a dignidade messiânica de Jesus mesmo em meio à dor. O título “Rei dos judeus”, que foi usado ironicamente por seus acusadores, adquire profundidade teológica, pois revela a identidade daquele que reina precisamente por meio do sacrifício. A via crucis, portanto, não é apenas relato de sofrimento físico, mas manifestação paradoxal do reino de Deus. A escuridão que cobre a terra, o véu do templo que se rasga e a confissão do centurião funcionam como sinais de que aquele evento possui significado cósmico e redentor.

[...] <sup>50</sup> grande voz, entregou o espírito.<sup>51</sup> Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo; tremeu a terra, fenderam-se as rochas; <sup>52</sup> abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram; <sup>53</sup> e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos. <sup>54</sup> O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e tudo o que se passava, ficaram possuídos de grande temor e disseram: verdadeiramente este era Filho de Deus. (Mateus 27:51-54)

Assim, no evangelho segundo Mateus, a Via Crucis se configura como centro da história da salvação. O sofrimento de Cristo é apresentado como cumprimento das promessas proféticas e como meio eficaz de redenção. A cruz não é apenas símbolo de dor, mas fundamento da esperança cristã, pois nela se realiza a justiça de Deus e se inaugura a possibilidade de vida reconciliada.

#### **4.2 A refração: A *via crucis* de Lispector**

No conto “Via Crucis”, de Clarice Lispector, integrante do livro *A via crucis do corpo*, a expressão tradicionalmente associada ao percurso redentor de Cristo é deslocada para o âmbito da experiência íntima e corporal feminina. O que na tradição cristã remete ao sofrimento salvífico e ao cumprimento de uma promessa transcendente, em Clarice é reinscrito como drama existencial vivido no corpo. Benedito Nunes (1995) observa que a narrativa clariceana opera frequentemente por meio da interiorização radical da experiência, deslocando conflitos metafísicos para o plano da consciência individual. A autora realiza uma operação literária de ressignificação simbólica, na qual o sagrado é tensionado, deslocado e, de certa forma, ironizado.

No conto, a gravidez inesperada da protagonista constitui o eixo do conflito narrativo. O corpo feminino se torna o espaço onde se instala uma experiência que mistura espanto, culpa, religiosidade e estranhamento.

Filho divino. Ela fora escolhida por Deus para dar ao mundo o novo Messias. Comprou o berço azul. Começou a tricotar casaquinhos e a fazer fraldas macias. Enquanto isso a barriga crescia. O feto era dinâmico: dava-lhe violentos pontapés. Às vezes ela chamava São José para pôr a mão na sua barriga e sentir o filho vivendo com força. (Lispector, 1974. p.40)

A gestação não é tratada apenas como fato biológico, mas como evento que reorganiza a identidade da personagem o que produz uma espécie de “paixão” íntima. Contudo, diferentemente da via crucis cristã, esse percurso não aponta para uma redenção coletiva nem para o cumprimento de um desígnio claramente afirmado. O sofrimento não é interpretado à luz de uma promessa objetiva, mas experimentado como crise subjetiva.

É justamente nesse ponto que se pode falar em organização do sagrado, ao se apropriar da expressão “via crucis” para designar uma experiência corporal feminina, Lispector tensiona o imaginário religioso tradicional, como afirma Eliade (1992):

[...] o homem moderno, mesmo quando se declara radicalmente secularizado, conserva ainda comportamentos religiosos camuflados. O sagrado não desaparece; ele se degrada, se dissimula, mas continua a estruturar o imaginário e a experiência humana. Certas criações culturais, entre elas a literatura, podem funcionar como lugares privilegiados dessa transfiguração do sagrado. (Eliade, 1992, p. 204).

O símbolo da cruz, centro da narrativa cristã da salvação, é deslocado para o campo da corporeidade. O sofrimento deixa de ser sacrifício expiatório e se torna vivência ambígua, marcada por oscilações emocionais e por uma religiosidade que não se apresenta como sistema teórico coeso, mas sim como fragmento interiorizado.

Essa ironização não se dá necessariamente por meio de sátira explícita, mas pela justaposição entre linguagem religiosa e experiência carnal. A protagonista atravessa seu próprio caminho de dor, porém esse caminho não conduz a glorificação nem a certeza escatológica, conduz antes a consciência aguda de si mesma. O corpo, que na tradição cristã pode ser visto como instrumento da encarnação redentora, em Clarice se torna lugar de vulnerabilidade e de desestabilização. O sagrado, ao invés de oferecer estabilidade, é absorvido pela

experiência humana concreta e submetido a sua ambiguidade. Nunes (1995) afirma que

o sagrado em Clarice Lispector não se apresenta como instância estabilizadora ou resposta conclusiva; ele surge como problema, como tensão que atravessa a experiência interior do sujeito. A transcendência, quando aparece, não resolve o conflito, mas o aprofunda, porque é absorvida pela consciência individual e devolvida como inquietação. (Nunes, 1995, p. 72).

Dessa forma, a “Via Crucis” clariciana se configura como metáfora do sofrimento do corpo entendido não como mediação objetiva da salvação, mas como experiência existencial. Ao deslocar o símbolo central da fé cristã para o campo da subjetividade moderna, Lispector evidencia o processo de secularização do imaginário religioso na literatura. O sagrado não desaparece, mas é reinterpretado, tensionado e reinscrito no corpo e na consciência da personagem, revelando a complexa relação entre tradição religiosa e experiência literária.

#### **4.3 Paralelo estruturais: A anatomia do caminho.**

A análise dos paralelos estruturais entre o conto e o evangelho segundo Mateus, permite identificar aproximações formais que, mesmo que não impliquem identidade de sentido, acabam revelando um diálogo simbólico significativo. Os dois textos se organizam em torno de um percurso de sofrimento que se desenvolve progressivamente e resulta em uma experiência-limite. Como afirma Ricoeur (1994):

[...] a intriga é a operação que configura os acontecimentos dispersos numa totalidade significativa. É por meio dela que uma sequência de incidentes é transformada numa história dotada de sentido, orientada por um começo, um meio e um fim, e capaz de produzir uma experiência de transformação. (Ricoeur, 1994, p. 85).

A estrutura narrativa, em cada caso, é conduzida por um evento central que desencadeia tensão, deslocamento e transformação.

No evangelho segundo Mateus, a chamada via crucis se apresenta como uma sequência narrativa marcada pela intensificação dramática com prisão, julgamento, humilhação, condenação e crucificação (Mateus 26,28). Se trata de um caminho linear que conduz a um clímax sacrificial. A progressão dos acontecimentos está organizada de modo a enfatizar a inevitabilidade do desfecho e sua inserção no plano divino, como mostra Ricoeur (1994):

[...] o fim da narrativa não é simplesmente o último acontecimento, mas aquilo que organiza e ilumina retrospectivamente todo o percurso da ação. É a partir do desfecho que os acontecimentos anteriores

recebem sua coerência e necessidade interna. A intriga, assim, produz uma totalidade orientada, em que cada episódio participa de um sentido final.(Ricoeur, 1994, p. 67).

A estrutura é teológica, ou seja, é orientada para um fim que confere sentido ao percurso. Cada etapa do sofrimento de Cristo contribui para a realização da missão redentora.

No conto de Clarice Lispector, embora o contexto seja radicalmente distinto, também há uma progressão estrutural semelhante. A descoberta da gravidez desencadeia um processo interior que evolui em intensidade emocional e psicológica.

Maria das Dores se assustou. Mas se assustou de fato. Começou pela menstruação que não veio. Isso a surpreendeu porque ela era muito regular. Passaram-se mais de dois meses e nada. Foi a uma ginecologista. Esta diagnosticou uma evidente gravidez. — Não pode ser! gritou Maria das Dores. (Lispector 1974, p.39)

O enredo, ainda que mais concentrado e introspectivo, constrói um movimento de tensão crescente onde a personagem percorre um “caminho” marcado por angústia, perplexidade e redefinição de si. Assim como na narrativa bíblica, há um ponto de inflexão que reorganiza toda a experiência subsequente. A diferença está no horizonte interpretativo, mas estruturalmente o sofrimento é articulado como processo.

Outro paralelo relevante se encontra na centralidade do corpo como eixo narrativo. Em Mateus, o corpo de Cristo é o lugar onde se materializa o conflito entre rejeição humana e propósito divino. O sofrimento físico não é apenas descrito, ele sustenta o desenvolvimento dramático da narrativa. Como observa Ricoeur (1978):

[...] o corpo é o lugar por excelência da manifestação do sentido, pois é nele que a experiência se torna visível e comunicável. A ação narrada adquire espessura dramática quando inscrita na corporalidade, já que o corpo não é simples objeto entre objetos, mas mediação simbólica entre o sujeito e o mundo. (Ricoeur, 1978, p. 223).

Em Lispector, o corpo feminino também ocupa o centro da estrutura textual. A gravidez se transforma no foco da tensão narrativa, configurando o corpo como espaço simbólico de conflito. Nos dois textos, portanto, O corpo não é elemento periférico, mas fundamento da construção dramática.

Há ainda um paralelo na dimensão pública e privada do sofrimento. No evangelho, a paixão ocorre diante de autoridades, multidões e soldados, o que configura em um evento público com implicações universais,

<sup>17</sup>Estando, pois, o povo reunido, perguntou-lhes Pilatos: A quem quereis que eu vos solte, a Barrabás ou a Jesus, chamado Cristo?<sup>18</sup> Porque sabia que, por inveja, o tinham entregado.<sup>19</sup> E, estando ele no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito.<sup>20</sup> Mas os principais sacerdotes e os anciãos persuadiram o povo a que pedisse Barrabás e fizesse morrer Jesus.<sup>21</sup> De novo, perguntou-lhes o governador: Qual dos dois quereis que eu vos solte? Responderam eles: Barrabás! (Mateus 27:17-21)

Já no conto clariceano, o sofrimento é vivenciado de maneira íntima, porém igualmente estruturante para a personagem. A diferença de escala não elimina a correspondência formal, pois em ambos os casos, o sofrimento organiza a narrativa e determina o desenvolvimento das ações.

Por fim, se observa que tanto o texto bíblico quanto o conto utilizam o sofrimento como elemento catalisador de revelação. Em Mateus, a cruz revela a identidade messiânica de Jesus e inaugura um novo estágio da história da salvação. Em Lispector, a experiência corporal revela a personagem aspectos profundos de sua própria condição. Como afirma Ricoeur (1994), a narrativa organiza a provação e a crise como momentos de transformação e descoberta. Estruturalmente, os dois textos associam dor e revelação, percurso e transformação, caminho e culminância, ainda que orientados por horizontes teológicos distintos.

Assim, ainda que separados por intenções ideológicas e estéticas distintas, o conto “Via crucis” e o evangelho segundo Mateus apresentam paralelos estruturais significativos. Os dois constroem narrativas centradas em um caminho de sofrimento progressivo, articulado em torno do corpo e orientado para uma experiência transformadora. A convergência formal, entretanto, serve para evidenciar a divergência de sentido, onde o texto bíblico organiza o sofrimento em chave redentiva e histórica, a narrativa clariciana o inscreve no âmbito da subjetividade e da experiência existencial.

**Quadro 1: Dimensões da via crucis: A matriz comparativa**

| Dimensões | O Evangelho de Mateus | “Via crucis” de Lispector |
|-----------|-----------------------|---------------------------|
|-----------|-----------------------|---------------------------|

|                               |                                                    |                                                                 |
|-------------------------------|----------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| <b>Natureza do sofrimento</b> | Sacrificial, vicário e voluntário.                 | Existencial, íntimo e imposto pela biologia.                    |
| <b>O palco da ação</b>        | Público histórico(tribunais, Gólgota)              | Privado e corporal (consultório, o próprio ventre)              |
| <b>O fim (Telos)</b>          | Esperança escatológica e restauração universal.    | Ambiguidade contínua e aprofundamento da dúvida identitária     |
| <b>O Sagrado</b>              | soberano, estruturante e dador de sentido absoluto | Ironizado, fragmentado e absorvido pela vulnerabilidade carnal. |

Quadro elaborado pela autora.

#### 4.4 A diferença teológica central

A diferença teológica central entre o conto e o livro de Mateus reside no significado atribuído ao sofrimento e na estrutura de sentido que o sustenta. Enquanto o texto bíblico insere o sofrimento de Cristo em uma economia redentiva objetiva, “dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20,28), fundamentada na soberania divina e no cumprimento profético, o conto clariceano desloca o sofrimento para o âmbito da experiência subjetiva, marcada por ambiguidade e ausência de garantias transcendentais explícitas. Como observa Tillich (2001) que

[...] a fé não elimina a ambiguidade da existência; ela não remove o risco nem transforma o sofrimento em algo automaticamente compreensível. Quando o fundamento transcendente deixa de ser experimentado como certeza objetiva, o homem moderno vive sua condição sob o signo da ansiedade e da incerteza. (Tillich, 2001, p. 87).

No evangelho segundo Mateus, a via crucis não é um evento meramente trágico, mas o ápice da missão messiânica de Jesus. O sofrimento é interpretado como o cumprimento das escrituras e como um ato voluntário de obediência ao Pai. Sob uma perspectiva reformada, a cruz possui caráter substitutivo e eficaz que é Cristo assumir sobre si a penalidade do pecado, realizando uma obra redentora com valor salvífico real. O sofrimento não é apenas experiência humana de dor, mas meio pelo qual se concretiza a reconciliação entre Deus e a humanidade Stott (2007):

[...] a cruz não foi um acidente trágico nem apenas um exemplo moral de amor. Foi o meio pelo qual Deus, em Cristo, tomou sobre si o pecado do mundo, realizando a reconciliação. O sofrimento de Cristo deve ser compreendido como substitutivo e redentor, pois nele Deus agiu decisivamente para restaurar o relacionamento rompido entre Ele e a humanidade. (Stott, 2007, p. 159).

Com isso existe um horizonte teológico claro que é a cruz que aponta para a ressurreição e para a restauração escatológica.

No conto de Clarice Lispector, por outro lado, o sofrimento não está ancorado em uma promessa objetiva de redenção. A gravidez inesperada e a crise interior da personagem Maria configuram um percurso doloroso que transforma sua percepção de si mesma, mas não se apresenta como parte de um plano salvífico universal, como afirma Nunes (1995):

[...] a experiência narrada por Clarice Lispector não se ordena segundo um esquema providencial ou redentor; ela se configura como crise da consciência, como ruptura da identidade que obriga o sujeito a confrontar-se com sua própria precariedade. O drama não aponta para uma solução transcendente, mas para o aprofundamento da inquietação. (Nunes, 1995, p. 64).

Com isso, a experiência é intensamente corporal e psicológica, e o sentido emerge da interioridade, não de uma revelação histórica externa. O sofrimento, nesse contexto, não redime coletivamente nem cumpre uma profecia, ele desestabiliza, expõe as fragilidades e evidencia a complexidade da condição humana.

Essa divergência revela duas concepções distintas de transcendência. Em Mateus, o sofrimento de Cristo está inscrito na vontade soberana de Deus e possui eficácia objetiva, independentemente da percepção subjetiva dos personagens envolvidos. A verdade do evento não depende da consciência humana, mas da ação divina. Em Lispector, ao contrário, o significado do sofrimento depende da experiência da personagem. Como observa Kierkegaard (1992), quando se trata da relação com o absoluto, o decisivo é a apropriação interior. O drama é interior, e o sentido não é garantido por uma instância teológica. A via crucis deixa de ser história da salvação para se tornar uma metáfora existencial.

Com isso, a diferença teológica central entre os dois textos consiste na oposição entre um sofrimento redentor, historicamente situado e teologicamente fundamentado e um sofrimento subjetivo, existencial e aberto à ambiguidade. No evangelho segundo Mateus, a cruz é evento decisivo da revelação divina e

fundamento da esperança cristã. No conto de Clarice Lispector, a “via crucis” é uma experiência humana que embora dialogue simbolicamente com a tradição cristã, não se estrutura como realização objetiva da redenção, mas como percurso íntimo de transformação e crise.

#### **4.5 A ironia da nomeação (Quebra de expectativas)**

A ironia do título “Via Crucis”, no conto de Clarice Lispector, se revela a partir do deslocamento semântico de uma expressão central da tradição cristã para o campo da experiência íntima corporal. Na tradição bíblica, especialmente conforme narrado no evangelho segundo Mateus, a via crucis designa o percurso de Cristo rumo à crucificação, momento culminante da história da redenção. É um caminho de sofrimento com finalidade salvífica, inscrito no cumprimento profético e na soberania divina. Ao se apropriar dessa expressão carregada de densidade teológica, Clarice não a reproduz em seu sentido original, mas a inscreve em um contexto que tensiona e ressignifica o símbolo. Segundo Ricoeur (2000):

[...] a metáfora viva não se limita a substituir um termo por outro; ela redescreve a realidade ao produzir um novo sentido. Ao deslocar uma expressão de seu campo originário, a linguagem metafórica cria uma tensão semântica que obriga o leitor a reinterpretar o símbolo em um horizonte diferente daquele em que nasceu. (Ricoeur, 2000, p. 61).

A ironia não se manifesta por meio de escárnio, mas pela discrepância entre o peso histórico-teológico da expressão e o conteúdo narrativo que ela passa a nomear. Em vez do percurso do Messias rumo ao sacrifício redentor, o leitor encontra o drama corporal de uma mulher diante de uma gravidez inesperada. O que na tradição cristã é evento fundador da fé se torna metáfora de uma experiência íntima, marcada por angústia, estranhamento e ambiguidade. A elevação simbólica da cruz é deslocada para o plano da corporeidade feminina, produzindo um efeito de contraste que constitui o núcleo irônico do título.

Essa operação literária revela uma característica recorrente, que é a apropriação secularizada de símbolos religiosos. Ao utilizar “Via Crucis” para designar um percurso existencial e corporal, Clarice tensiona a autoridade simbólica do termo. Como Taylor (2010), afirma:

[...] na modernidade ocidental, a crença em Deus deixou de ser o pano de fundo inquestionado da experiência social. As referências religiosas continuam presentes, mas passam a disputar espaço com outras formas de sentido dentro de um horizonte imanente. O

resultado é que os símbolos religiosos podem ser reinterpretados, deslocados e reinscritos em novas configurações culturais. (Taylor, 2010, p. 35).

O sofrimento deixa de ser redentor em sentido objetivo e passa a ser vivido como experiência subjetiva. A cruz, que na tradição cristã aponta para a reconciliação entre Deus e a humanidade, se transforma em imagem de crise individual. A ironia reside no deslocamento do sagrado para o cotidiano, do universal para o particular e do transcendente para o interior.

Além disso, o título provoca o leitor ao sugerir uma expectativa de solenidade e transcendência que o conto deliberadamente frustra. Como observa Jauss (1994):

[...] a experiência estética realiza-se na medida em que uma obra confirma, modifica ou frustra o horizonte de expectativas do leitor. Quando ocorre a frustração, produz-se um efeito de distanciamento que obriga o receptor a rever suas antecipações e a reconstruir o sentido do texto. (Jauss, 1994, p. 28).

A narrativa não conduz a um desfecho de glorificação ou salvação coletiva, mas a uma vivência que permanece no ser humano. Essa frustração de expectativa intensifica o efeito irônico, pois evidencia a distância entre o imaginário religioso tradicional e a experiência da subjetividade.

A ironia na nomeação dos personagens em *Via Crucis*, de Clarice Lispector, constitui uma estratégia central de subversão literária, na qual nomes carregados de simbolismo bíblico são confrontados com uma realidade carnal, prosaica e, por vezes, disfuncional. Esse procedimento produz uma quebra de expectativa em que o sagrado não desaparece, mas se degrada e se dissimula no cotidiano, transformando símbolos tradicionais em instrumentos de análise da subjetividade, especialmente da mulher moderna.

A personagem Maria das Dores ilustra esse movimento de maneira incisiva. Enquanto o nome evoca a pureza sagrada e a figura da virgem escolhida, a narrativa subverte drasticamente essa imagem. Maria é, de fato, virgem, mas não por desígnio divino, e sim porque, embora casada, vive com um marido “paciente e meio impotente”. Desse modo, a pureza deixa de ser signo de santidade e passa a ser resultado de uma disfunção biológica e matrimonial, esvaziando-se de qualquer aura sagrada.

De maneira semelhante, José, tradicionalmente associado ao guardião silencioso e protetor da família, surge como uma reconfiguração irônica desse papel. Em vez do patriarca provedor, ele é apresentado como um homem impotente

e passivo, convidado apenas a tocar a barriga de Maria das Dores para sentir os “violentos pontapés” do feto, o que evidencia sua exclusão do protagonismo da experiência vital que se desenrola no corpo feminino.

A ironia se estende, portanto, à própria escolha dos nomes, que dialogam com o imaginário cristão e reforçam o jogo de deslocamentos simbólicos operado pela narrativa. Como afirma Paul Ricoeur (1977), o símbolo não se esgota em um único significado, mas se reinscreve em novos contextos, produzindo tensões interpretativas. Ao atribuir nomes como Maria das Dores e José, Clarice sugere uma aproximação com a tradição sagrada que é imediatamente tensionada pelo desenvolvimento da história. Assim, os nomes evocam pureza, santidade e devoção, mas as experiências vividas pelas personagens subvertem essas expectativas, intensificando o efeito irônico e evidenciando a complexidade do simbólico na narrativa.

A ironia atinge seu ápice na escolha do nome do filho de Maria das Dores. Em vez do esperado “Jesus”, que carrega a carga semântica de “Salvador” e de uma missão de redenção universal, a personagem opta por Emmanuel, termo que significa “Deus conosco”. Essa escolha é profundamente irônica por múltiplas razões. Em primeiro lugar, enquanto “Jesus” remeteria à ideia de salvação e ao valor sacrificial, “Emmanuel” enfatiza apenas a presença do sagrado no cotidiano. Em Clarice Lispector, o divino não se manifesta como transcendência redentora, mas como algo que se camufla na materialidade, descendo do plano espiritual para habitar o prosaico, como nas “fraldas macias” e no “berço azul”.

Além disso, o nome “Deus conosco” desloca o foco para o corpo feminino como espaço de invasão e estranhamento. Não se trata de um filho destinado a salvar o mundo, mas de um bebê que provoca “violentos pontapés”, desestabilizando a identidade da mãe. Assim, o que deveria significar consolo e esperança se transforma em experiência de angústia íntima, convertendo a presença divina em inquietação existencial.

Por fim, há uma subversão direta da tradição profética, pois no Evangelho de Mateus, o nome Emmanuel representa o cumprimento de um desígnio divino. Já em Via Crucis, a utilização desse nome para um evento sentido como um “fardo” biológico e involuntário esvazia sua dimensão transcendente. A escolha, portanto, intensifica a ironia ao associar um signo máximo do sagrado a uma experiência marcada pela contingência, pela corporeidade e pela ausência de garantias

redentoras, consolidando o projeto clariceano de reinscrever o simbólico no âmbito do humano e do cotidiano.

Esse procedimento revela um percurso sofisticado de construção social. Os nomes funcionam como marcas intertextuais que convocam o repertório religioso do leitor, Kristeva (1974) diz:

todo texto se constrói como mosaico de citações; todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade, e a linguagem poética lê-se, pelo menos, como dupla. (Kristeva, 1974, p. 64).

O enredo confirma integralmente a sacralidade sugerida. Ao contrário, a narrativa expõe a fragilidade humana, a corporeidade e a ambiguidade moral das personagens. Assim, a ironia não está apenas no título, mas também na própria tessitura nominativa do conto, que articula tradição e subversão, evocação e deslocamento.

Desse modo, a ironia do título “Via Crucis” e do nome dos personagens, não implica simples negação do sagrado, mas sua reconfiguração literária. Clarice Lispector utiliza a expressão para problematizar a relação entre sofrimento, corpo e transcendência, transformando um símbolo central da fé cristã em metáfora da condição humana. A tensão entre o sentido teológico original e a nova significação literária constitui o gesto irônico fundamental no conto, revelando como a literatura pode dialogar criticamente com a tradição religiosa ao mesmo tempo em que a inscreve em novos horizontes de sentido.

## **Conclusão**

A presente pesquisa teve como objetivo realizar uma análise comparativa entre o conto *Via Crucis*, de Clarice Lispector, e o relato da paixão de Cristo presente no evangelho de Mateus, buscando identificar aproximações, ressignificações e deslocamentos simbólicos entre o texto literário e o texto bíblico. Partiu-se do pressuposto de que a literatura, ao dialogar com tradições religiosas, podem reinterpretar seus símbolos e narrativas, produzindo novos sentidos para o campo do estudo literário.

Para alcançar esse objetivo, foi adotado uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, fundamentada em procedimentos de pesquisa documental e bibliográfica. A análise se concentrou na leitura interpretativa das obras selecionadas, como também na identificação de elementos narrativos e simbólicos que permitiram estabelecer relações comparativas entre os dois textos.

Os resultados evidenciaram que o conto de Clarice Lispector estabelece um diálogo significativo com a narrativa da paixão de Cristo, mobilizando temas relacionados ao sofrimento, ao sacrifício e à experiência limite da condição humana. Entretanto, tais elementos não são reproduzidos de forma direta ou literal, sendo ressignificados dentro da construção literária da autora, que os insere em uma perspectiva existencial e reflexiva, que são características de sua escrita.

Nesse sentido, a análise permitiu compreender que a obra de Clarice Lispector se apropria de elementos da tradição cristã para construir uma narrativa que ultrapassa o campo estritamente religioso, propondo uma reflexão sobre a existência humana, o sofrimento e a busca por sentido. Assim, o conto *Via Crucis* evidencia como a literatura pode dialogar com os textos sagrados, o reinterpretando e ampliando suas possibilidades de significado no contexto da produção literária.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para os estudos que investigam as relações entre literatura e religião, bem como para a compreensão da presença de referências bíblicas na literatura brasileira, demonstrando a relevância da análise comparativa como ferramenta de interpretação crítica dos textos literários.

## Referências

Austin, John L. ***Quando dizer é fazer***. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990

Berger, Peter L. ***Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista***. Petrópolis: Vozes, 2017.

BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1990.

Brizotti, Alan. **Exegese Bíblica. Apostila do Curso Médio**. [S.l.]: Academia de Pregadores

Carvalho, José Carlos. **O grande código bíblico entre descodificações e interconexões**. Porto: CIUHE/Faculdade de Letras do Porto, 2005.

Calvino, João. **Institutos da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

Cortázar, Julio. **Alguns aspectos do conto**. In: **Valise de Cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 147-163. (Coleção Debates). Disponível em: <https://grad.letras.ufmg.br/arquivos/monitoria/Aspectos%20do%20conto%20-%20Aula%2003.pdf> Acesso em: 21/01/2026

Eliade, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Foucault, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

Frye, Northrop. **O Código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

Gotlib, Nádia Battella. **Perto de Clarice Lispector: o leitor Benedito Nunes**. In: NATÁRIO, Maria Celeste; BEZERRA, Cícero Cunha; EPIFÂNIO, Renato (Coord.). **Clarice Lispector: filosofia e literatura**. Porto: Instituto de Filosofia da Universidade do Porto; Linda-a-Velha: DG Edições, 2021. p. 119-136.

Jauss, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994

Kierkegaard, Soren. **Pós-escrito conclusivo não científico às Migalhas filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1992.

Kristeva, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

Koch, I.V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2006.

Poe, Edgar Allan. A filosofia da composição. Tradução de Léa Viveiros de Castro; prefácio de Pedro Sússekind. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

Magalhães, Antônio Carlos de Melo. **A Bíblia como obra literária: hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia**. In: FERRAZ, Salma et al. (Orgs). Deuses em poéticas: estudos de literatura e teologia. Belém: UEPA; Campina Grande: EDUEPB, 2008, p. 11-24.

Nunes, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.

Orlandi, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005

Piglia, Ricardo. **Formas breves**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Poe, Edgar Allan. A filosofia da composição. Tradução de Léa Viveiros de Castro; prefácio de Pedro Sússekind. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

Ricoeur, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. Campinas: Papirus, 1994.

Ricoeur, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Loyola, 2000.

Souza, Lidiane Ribeiro da Silva de. **O Protestantismo e a Educação: A influência do protestantismo no desenvolvimento da alfabetização e leitura no ocidente moderno**. Disponível em: [https://ftp.faculdadebetania.com.br/revista/out2017/protestantismo\\_e\\_educacao.pdf](https://ftp.faculdadebetania.com.br/revista/out2017/protestantismo_e_educacao.pdf) . Acesso em: 19 nov 2025.

Stott, John. **A cruz de Cristo**. São Paulo: ABU Editora, 2007.

Taylor, Charles. **Uma era secular**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

Weber, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.